

Agradar sem desagradar: o poder editorial de Garnier na transformação de contos fantásticos de Machado de Assis / *Pleasing without displeasing: Garnier's editorial power in fantastic tales by Machado de Assis*

Marcos Túlio Fernandes *

Doutorou-se em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2019). Entre os trabalhos publicados, destacamos “O fantástico de E. T. A. Hoffmann no conto machadiano”, *Tradução e transferência culturais* (UFPB, 2012); “A recepção transatlântica do Gespenster-Hoffmann no Bruxo do Cosme Velho”, *Revista Graphos*, vol. 18, 2016; e prefácios da série *Clássicos da literatura*, editora Grafset, dos volumes: *Helena, A mão e a luva*, e *O Guarani* (2018).

 <http://orcid.org/0000-0002-7261-9182>

Recebido em 17 out. 2019. **Aprovado** em: 01 nov. 2019.

Como citar este artigo:

FERNANDES, Marcos Túlio. Agradar sem desagradar: o poder editorial de Garnier na transformação de contos fantásticos de Machado de Assis. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, Edição Especial, p. Port. 37-51 / Eng. 36-52, nov. 2019. ISSN 2317-2347.

RESUMO

A cooperação de Machado de Assis na imprensa periódica durante a moda do conto fantástico hoffmanniano no Brasil contribuiu consideravelmente para o desenvolvimento do escritor como autor de contos fantásticos. Sob a direção editorial de Garnier, a fantasia insólita machadiana popularizou-se nas páginas do *Jornal das Famílias*, a mais concorrida revista feminina brasileira do século XIX. No entanto, três desses contos também foram publicados por outros suportes com significativas alterações no enredo e, conseqüentemente, no gênero, fazendo-nos perceber como o poder de Garnier impunha ao escritor brasileiro uma fórmula de produção do conto fantástico ajustado à filosofia de seu periódico e ao espaço físico de suas folhas. Este artigo se propõe à análise das transformações do fantástico hoffmanniano para o *Jornal das Famílias* e sua reescrita para publicação em outros suportes, como manifestação do poder editorial na escrita de Machado de Assis.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; Imprensa periódica; Contos fantásticos.

ABSTRACT

The cooperation of Machado de Assis in the periodical press during the fashion of the hoffmannian fantastic tale in Brazil contributed considerably to the development of the writer as author of fantastic tales. Under the editorial direction of Garnier, Machado's unusual fantasy became popular in the pages of *Jornal das Famílias*, the most popular Brazilian women's magazine of the nineteenth century. However, three of these tales were also published by other media with significant alterations in the plot and, consequently, in the genre, making us realize how the power of Garnier imposed to the Brazilian writer a formula of production of the fantastic tale adjusted to the philosophy of his periodical and the physical space of its leaves. The article aims to analyze of the transformations of the hoffmannian fantastic produced by the Brazilian writer to the *Jornal das Famílias* and its rewriting for publication in other media, as manifestation of the editorial power in the writing of Machado de Assis.

KEYWORDS: Machado de Assis; Periodical press; Fantastic tales

*



literatulio@yahoo.com.br



<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v8i0.1590>

1 Da conjuntura externa à organização interna: a dinâmica da relação autor/editor

A produção de literatura no século XIX teve prioritariamente os jornais como suporte de divulgação. Os escritores buscavam na *locomotiva intelectual*¹ do Oitocentos aquilo que não lhes era possível alcançar de imediato por meio dos livros: notoriedade, em primeiro lugar e, um pouco de dinheiro, se possível. Entretanto, publicar nos periódicos oitocentistas significava atender às expectativas dos leitores e estar em conformidade com as modas literárias do período; dentre elas, estava a produção do conto fantástico.

Iniciado pelos românticos alemães, sucesso editorial na França a partir das traduções que Loève-Veimars fez da obra de E. T. A. Hoffmann nos anos 1830², o conto fantástico desembarcou no Brasil em traduções francesas, favorecido pela ampliação e regularidade das rotas transatlânticas e pelo lançamento dos novos empreendimentos editoriais que buscavam publicar coleções de baixo custo em formato facilmente manejável e impressão compacta. Além disso, as baixas tarifas alfandegárias praticadas para importação de impressos e o prestígio que as edições francesas gozavam no cenário (inter) nacional contribuíram para sua popularidade (AUGUSTI, 2016).

A conjuntura econômico-editorial acentuou paulatinamente, a partir do decênio 1850, a atuação de editores e livreiros no Brasil que, mesmo em uma sociedade escravocrata e, portanto, sem classes sociais constituídas por homens livres na ordem capitalista, estavam atentos aos anseios de nossos leitores e, por isso, importavam obras fantásticas para alimentar livrarias, coleções particulares e gabinetes de leitura. A circulação de contos fantásticos contribuía para ampliar o número de leitores à medida que esse aumento intensificava a importação do gênero. Anunciados nos jornais e encontrados com relativa facilidade nos gabinetes de leitura em traduções portuguesas e francesas, o conto fantástico cativou nossos leitores, estimulou o surgimento de traduções brasileiras, e inspirou a produção dos escritores nacionais, transformando o gênero em moda durante os anos 1860 e 1870.

No contexto do nascimento da voga do conto fantástico no Brasil, o editor B. L. Garnier lançou o *Jornal das Famílias* (1863-1878). Herdeiro da *Revista Popular* (1859-1862) que lhe serviu de matriz, o novo empreendimento editorial era devotado ao público feminino, com seu

¹ Como lhe chamou Machado de Assis (1859, p. 1) em crônica “O jornal e o livro” do *Correio Mercantil*.

² Os anos de 1830 foram considerados como “Idade de ouro” do conto fantástico na França deflagrada com as traduções que o tradutor franco-germano Loève-Veimars fez da obra do escritor romântico alemão E. T. A. Hoffmann (CASTEX, 1971).

reclame *chic* de magazine publicado em Paris, trazendo em suas páginas o que havia de melhor e mais elegante para *agradar* as mulheres sem necessariamente *desagradar* seus pais e/ou maridos, responsáveis pela assinatura do periódico, já que “qualquer infração ao código tácito que regia os costumes da sociedade brasileira acarretava da parte dos que pagavam a assinatura a ameaça de uma automática rescisão” (MASSA, 2009, p. 459). Não por acaso, Garnier reafirmava, sempre que necessário, o perfil moralista de sua revista e o pudor de suas publicações:

Graciosos romances têm sido publicados em nossas colunas nos seis anos de existência que já contamos, e parece-nos que nem uma só vez a delicada susceptibilidade de VV. EEx. tem sido ofendida.

Anedotas espirituosas e morais têm por certo causado a VV. EEx. o prazer que as pessoas de finíssima educação experimentam nesse gênero de amena literatura, e mais de uma vez conseguiram dissipar as névoas da melancolia que se haviam acumulado nas belas frentes das nossas leitoras. (*Jornal das Famílias*, fevereiro de 1869, p. 2).

Paulatinamente, a revista se tornou um sucesso pela qualidade material da impressão e pelo grande número de assinantes, alcançando as principais províncias brasileiras e também cidades no exterior³, transformando-se numa vitrine para os escritores. Mas, publicar sob o selo da mais popular revista feminina do Brasil no século XIX significava para seus colaboradores circunscrever suas produções às convenções sociais do período, que impunham ao editor francês submeter a revista à estreita linha da moralidade. Mesmo Machado de Assis, principal e mais produtivo colaborador de Garnier ao longo de 14 dos 16 anos da revista, não se portou como um gênio indômito cujas narrativas escapavam à vigilância do editor. O escritor teve que se pautar pelas normas de decoro que regiam as relações entre colaboradores e leitores e se justificar quando “atacado, em nome da moral por despertar maus pensamentos por seu conto *Confissões de uma viúva moça*” (MASSA, 2009, p. 459). Um leitor, que assinava com o pseudônimo O Caturra, reclamava, indignado, na seção a pedidos, da imoralidade da narrativa:

No último número desse jornal, que se diz das famílias, e de cujo programa já vai se afastando sofrivelmente, enceta-se a publicação de um romancito sob o título de *Confissão de uma viúva moça*. Pela amostra do pano desde já se pode conjecturar de que magnificência será o vestido que trata-se de expôr à atenção das jovens, que têm um dia de serem esposas e mães de família, isto é, daquelas que bem deverão compreender qual a verdadeira missão da mulher, os deveres, trabalhos que exigem a criação e educação dos filhos, e

³ O *Jornal das Famílias* mantinha correspondentes na Bahia, Barbacena, Ceará, Maceió, Maranhão, Pará, Pelotas, Pernambuco, Porto Alegre, Santa Catarina, São Paulo; e também alcançava Lisboa e Paris, como pode ser comprovado pela edição de número 8 de agosto de 1870 (PINHEIRO, 2007, p. 62-63).

os legítimos gozos occorrentes que sua visão os frequentes cuidados da respeitável mãe de família. Para os pais de família, *pés de boi*, os que têm a esquisitice de verem as realidades deste mundo pelo prisma rococó, escrevemos estas ligeiras linhas, pedindo-lhes que façam companhia às suas filhas na apreciação de tão edificantes escritos, tão harmoniosos com os esplendores deste século reformista. (*Correio Mercantil*, 1 de abril de 1865, p. 2).

A acusação do Caturra foi imediatamente refutada – no dia seguinte – por Machado de Assis nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, já que a revista de Garnier era uma publicação mensal e, nesse caso, não era conveniente procrastinar a réplica sobre tão grave assunto, que punha em questionamento a moralidade da narrativa e do próprio *Jornal das Famílias*:

Não precisa muito para ver no *Caturra* algum inimigo pessoal do Sr. Garnier, editor do *Jornal das Famílias*; porquanto ninguém acreditará que do primeiro capítulo de um romance, em que não há uma só linha onde o vício seja endeusado, ou ainda pintado com cores brilhantes, possa-se concluir pela imoralidade do resto.

O romance intitula-se *Confissões de uma viúva moça*. Como neste primeiro capítulo se referem levemente às primeiras tentativas de um amante para alcançar o coração de uma mulher casada, ao que esta se esquiva, - aproveita o *Caturra* essa circunstância e vem fazer insinuações contra o jornal do Sr. Garnier. (*Diário do Rio de Janeiro*, 2 de abril de 1865, p. 2).

Machado de Assis se utilizou, pela primeira vez, do pseudônimo *J*. No entanto, o estilo irônico utilizado para desqualificar os frágeis argumentos contra o enredo de *Confissões de uma viúva moça* permite entrever o autor carioca que expõe o Caturra como não mais que um invejoso inimigo do sucesso editorial de Garnier, esclarecendo aos leitores que não se tratava de questão literária, e sim pessoal. A querela, no entanto, estendeu-se por aproximadamente dois meses, conferindo “grande visibilidade ao texto e ao meio que o divulgava” (ZILBERMAN, 2012, p. 162), de forma que respeitadores estudiosos da obra machadiana interpretaram-na como uma cartada publicitária: a) “Tudo isso [...] não passou hábil propaganda, destinada a chamar a atenção das leitoras e leitores para essa revista [*Jornal das Famílias*], então no segundo ano de circulação” (MAGALHÃES JUNIOR, 1981, p. 322); b) “Bem se poderia pensar que Machado fosse o autor da coisa toda, ‘plantada’ no *Correio Mercantil* a fim de atrair leitores” (GLEDSON, 2006, p. 41); c) “Ora, a ‘viúva moça’, de Machado de Assis, guardadas as devidas proporções, era uma Emma Bovary para uso do *Jornal das Famílias*” (BROCA, 1983, p. 53).

Escândalos e denúncias em torno de textos literários foram estratégias editoriais lucrativas no século XIX. A história da edição dos livros e dos impressos oferece inúmeros exemplos. Nos anos de 1860 – a “publicação de *Vida de Jesus*, de Ernest Renan, suscitou um

verdadeiro escândalo. Ele e seu editor ganharam muito dinheiro e a memória familiar desconfia que os padres, em trajes civis, compravam a obra maldita para queimá-la e as mundanas para expô-las em seus salões” (MOLLIER, 2011, p. 35). Quaisquer que fossem seus destinos, o fogo ou os recintos burgueses, a publicação de obras “escandalosas” ou polêmicas acarretava vantagens tanto para o autor, pela popularidade de seu nome, quanto para seu editor, pelos dividendos franqueados. Estratégia editorial ou engenho publicitário resultante da convivência entre Machado de Assis e Garnier, uma coisa e/ou outra se alinhava(m) ao pacto em defesa do decoro reafirmado nas palavras do autor carioca: “fiquem descançados os pais de família: o autor das *Confissões* respeita, mais que ninguém, a castidade dos costumes” (*Diário do Rio de Janeiro*, 2 de abril de 1865, p. 2).

O contexto de publicação de *Confissões de uma viúva moça* coopera para compreensão de que a conjuntura externa atuava condicionando a organização interna do conto machadiano, de modo que as relações entre a escrita do autor e a leitura do público se estabeleceram de modo interdependente, na medida em que se realizam com as mesmas finalidades e mútuo auxílio, mas orquestrada pela batuta de Garnier. Nossa interpretação reverbera as palavras de Marisa Lajolo (1994, p. 85): “à medida que a obra de Machado amadurece literariamente e, semelhantemente às relações autor-público, as relações narrador-leitor vão sofrendo alterações não de todo independentes das alterações por que passava o Brasil, o modo de produção dos bens da cultura que, como a literatura, valiam-se da escrita para sua circulação”. A dinâmica dessa relação permite observar a literatura como bem cultural de consumo, produzida em conformidade com as convenções narrativas e com as diretrizes editoriais de cada suporte. No caso específico da revista de Garnier, “o periódico impunha às narrativas: 1) uma extensão correspondente às páginas previamente reservadas à ficção; 2) o seccionamento decorrente da costumeira publicação seriada; 3) um caráter edificante ou moralista; 4) um público predominantemente feminino” (SIMÕES JUNIOR, 2009, p. 17).

Diante desse contexto editorial e das estratégias utilizadas pelos escritores para inscrever suas narrativas nas folhas moralistas do *Jornal das Famílias*, é curioso que Machado de Assis tenha divulgado contos fantásticos que foram inspirados nas narrativas de Hoffmann, quando o escritor alemão era festejado por produções como a novela erótica *Irmã Monika*⁴ e/ou

⁴ *Schwester Monika*, publicada anonimamente pela primeira vez em 1815 e atribuída ao escritor. Alguns estudiosos levantavam dúvidas sobre a autoria hoffmanniana da narrativa, mas o artigo “Aderlaß in Posen” de Gustav Gugitz (1965, p. 152-155) na *Der Spiegel*, primeiro a presumir Hoffmann como seu autor e as razões de Rudolf Frank (1924), um dos editores de Hoffmann, defendeu o romance como obra do escritor alemão.

o conto “O encadeamento das coisas”⁵, cujo final desvela a relação entre Victorine e Emmanuela, selada pelo longo beijo homoafetivo que ambas trocam, ilustrado na Fig. 1:

Figura 1: Beijo entre Victorine e Emmanuela.



Fonte: *Contes fantastiques de Hoffmann*, 1844, p. 277.

Impróprias para as páginas do *Jornal das Famílias* por seus temas tabus, as narrativas fantásticas de Hoffmann eram anunciadas por Garnier nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro* e facilmente encontradas em sua livraria, número 69, da Rua do Ouvidor. O francês vislumbrava no gênero fantástico, não apenas os dividendos de sua venda em volumes, mas um potencial combustível de divulgação de sua revista feminina e, como nenhum outro editor, Garnier era hábil em discernir e corresponder às preferências de seu público. Por isso, a partir do segundo ano do *Jornal das Famílias*, o conto fantástico passou a ser um produto oferecido aos seus leitores. No entanto, coube a Machado de Assis a tarefa de adequá-lo às diretrizes do periódico.

⁵ Tradução nossa. Conto publicado em 1821 na antologia *Der Serapionsbrüder* (Os irmãos Serapião). O conto *Der Zusammenhang der Dinge* recebeu quatro traduções francesas: A tradução de M. P. Christian, com título de *La chaîne des destinées*, integrava a edição de *Contes fantastiques de Hoffmann*, publicada em 1844 pela *Béthune et Plon*, em Paris, e ilustrada pelo desenhista francês Gavarni já era encontrada no acervo do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, do qual Machado de Assis fora assinante na juventude. As outras três foram traduzidas por Henry Egmont (1836), Émile de La Bedollière (1838), e Théodore Toussenel (1838), todas receberam o mesmo título de “*L'Enchaînement des choses*”.

2 O fantástico do *Jornal das Famílias*: as fórmulas manipuladas de um Bruxo

“O Anjo das Donzelas – conto fantástico” foi o primeiro artefato do gênero elaborado por Machado de Assis para o *Jornal das Famílias*. Publicado nas edições de setembro e outubro de 1864 e assinado sob o pseudônimo Max, narra a história de Cecília que, aos 15 anos, acredita ter recebido em seu quarto à noite uma “criatura fantástica” que, vestida à feição dos querubins, lhe oferece a possibilidade de “atravessar o lodo da vida sem salpicar o vestido branco da pureza” (ASSIS, 2008, p. 764) e sem sofrer por amor, caso conservasse um determinado anel, sem nunca tirá-lo. No entanto, caso o perdesse, estaria também perdida. Cecília atravessa a mocidade menosprezando todos os pretendentes até que, já próxima da velhice, descobre o embuste: seu primo Tibúrcio, apaixonado por ela na juventude, invadira seu quarto na noite em que acreditara ter recebido o “anjo das donzelas” e, encontrando-a em estado hipnagógico, colocara o anel em seu dedo. Esse fato se confirma quando, pela primeira vez, Cecília o retira e descobre as iniciais “T. B.” gravadas na galeria do precioso objeto.

O conto de Machado de Assis foi possivelmente inspirado no conto “O voto”⁶, de Hoffmann. Muito embora haja várias relações intertextuais entre as narrativas, o escritor carioca suprime *leitmotive* próprios do fantástico e do hoffmanniano que poderiam provocar a censura da publicação de seu conto “O Anjo das Donzelas” na revista de Garnier. O conto “O Voto” é a história de Celestine, jovem que não ama ninguém e desdenha de todos os seus pretendentes, gostando deles apenas por aquilo a que estão dispostos a fazer de grandioso por amor a ela. Dentre eles, surge o Conde Stanislaus, disposto a libertar a Polônia das tropas napoleônicas para conseguir se casar com Celestine. Stanislaus morre na batalha de Varsóvia e seu primo, Conde Xaver de R., vem noticiar o infortúnio à jovem. Durante sua estada na propriedade do Conde Nepomuck, pai de Celestine, Xaver de R. a encontra sozinha em delírio no bosque e, fingindo ser Stanislaus, simula um casamento, confirmando os votos com um anel. Em seguida, abusa sexualmente dela. Meses depois, descobre-se a gravidez. Xaver de R., para provar que é o pai da criança, relata o abuso e, como evidência, qual Tibúrcio em “O Anjo das Donzelas”, solicita que Celestine retire pela primeira vez o anel:

Tirou [Celestine] um anel do dedo e entregou-o ao sacerdote; peguei-lhe depois no dedo e coloquei-lhe um anel de ouro, que tinha retirado do meu

⁶ Tradução nossa. O conto *Das Gelübde* integra a antologia de oito peças de fantasias noturnas que recebeu o título de *Nachtstücke*: as quatro primeiras foram publicadas no volume I em 1816 e o volume II, do qual consta o conto “O voto”, publicado em 1817.

próprio dedo. Então caiu-me nos braços com os arrebatamentos do amor mais ardente. Quando me retirei estava mergulhada no sono mais profundo. (HOFFMANN, 2005, p. 194).

Apesar dos críticos alinhados à defesa da análise imanente dos textos defenderem que “os valores éticos não podem ser empregados na leitura e na produção da ficção literária, a literatura tem que ser compreendida em sua natureza estética e não por questões morais” (GOUVEIA, 2011, p. 37), percebe-se que a inspiração hoffmanniana se manifesta na escrita de Machado de Assis condicionada aos valores éticos defendidos pelo periódico de Garnier. A perversão sexual do Conde Xaver de R. é substituída pelo decoro com o qual Tibúrcio, embora à noite e sem o consentimento de Cecília, invade seu quarto, mas de forma respeitosa e acompanhado de uma criada: “Descansem – disse Tibúrcio – eu fiz as coisas honestamente” (ASSIS, 2008, p. 774). A atitude do personagem Tibúrcio não é isolada e reforça a postura editorial que garante a publicação do conto machadiano, ou seja, de uma narrativa em conformidade com as regras sociais vigentes, como fica claro na abertura de “O Anjo das Donzelas”:

Cuidado leitor, vamos entrar na alcova de uma donzela.
Descanse leitor, não verá neste episódio fantástico nada do que não se pode ver à luz pública. Eu também acato a família e respeito o decoro. Sou incapaz de cometer uma ação má, que tanto importa delinear uma cena ou aplicar uma teoria contra a qual proteste a moralidade. (*Jornal das Famílias*, setembro de 1864, p. 9).

Ainda que não se exclua no processo de escrita machadiana a quase sempre reconhecida impostura de seus narradores⁷, a postura judiciosa com a qual o narrador conduz o enredo, pondo-se contra qualquer teoria imoral, acautela os leitores do *Jornal das Famílias* para apreciação de uma narrativa ausente dos temas imorais frequentemente chancelados pelo fantástico ou raramente ousados fora da condição de escrita desse gênero. “O Anjo das Donzelas” não se constituiu como publicação isolada de conto fantástico nas páginas do *Jornal das Famílias*. Sob a direção de Garnier, Machado de Assis produziu um total de doze narrativas do gênero, três delas também publicadas por outros periódicos, mas com significativas alterações de enredo, título e estrutura. O Quadro 1, em ordem cronológica, facilita a observação dessas divulgações⁸:

⁷ Cf. Gledson (1991, p. 19-35), Pereira (2008, p. 167) e Facioli (2002, p. 86).

⁸ Optamos por não alterar nomenclaturas das divulgações originais dos contos em cada periódico, sem atualizar respectivas ortografias.

Quadro 1: Divulgação dos mesmos contos por diferentes suportes.

Conto 1	“O País das Chimeras. Conto fantástico”	“Uma Excursão Milagrosa”
Suporte	O Futuro	Jornal das Famílias
Edições	Outubro 1862	Abril de 1866 Maio de 1866
Assinatura	Machado de Assis	A.
Conto 2	“Ruy de Leão”	“O Immortal”
Suporte	Jornal das famílias	A Estação
Edições	Janeiro 1872 Fevereiro 1872 Março 1872	Julho 1882 Agosto 1882 Setembro 1882
Assinatura	Max	Machado de Assis
Conto 3	“Uma Visita de Alcibiades”	“Uma Visita de Alcibiades”
Suporte	Jornal das Famílias	Gazeta de Notícias
Edições	Outubro de 1876	Janeiro de 1882
Assinatura	Victor de Paula	Machado de Assis

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Há importantes contribuições de pesquisadores⁹ acerca das transformações ocorridas nesses contos quando publicados fora das páginas (e das diretrizes) do *Jornal das Famílias*. Entretanto, nenhuma dessas abordagens se voltou para o papel dos editores no processo de produção do conto fantástico até a etapa final de sua impressão nos suportes materiais por meio do qual circularam. A ausência de uma perspectiva que aborde as relações da produção literária enquanto produto de encomenda ou que observe os vínculos hierarquizados dos agentes do universo editorial impedem muitas vezes a observação de que a escrita literária está subordinada às condições de publicação que a reprimem. Se uma “obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega, a cada vez, um significado outro” (CHARTIER, 1998, p. 70-71), é de se ponderar que as alterações operadas por Machado de Assis produziram um fantástico diferente daquele inicialmente elaborado no contexto de origem, já que sua textualidade, sob a regência de Garnier, estava sujeita a condições exógenas determinadas pelo público leitor a que se destinava a revista.

⁹ Cf. Hansen (2006), Salomoni (2001) e Cézard/Andreo (2014).

Consideremos, por exemplo, “O País das Chimeras, Conto Fantástico” publicado n’*O Futuro* e no *Jornal das Famílias*, onde figurou com o título de “Uma Excursão Milagrosa”. Há mudanças significativas na condução da narrativa desde a postura do narrador até alterações no foco narrativo, que passa da terceira pessoa, na publicação d’*O Futuro*, para a primeira pessoa, no *Jornal das Famílias*. Alguns pesquisadores atribuem as modificações ao processo de aprimoramento da escrita machadiana em virtude de seu contato com a literatura realista francesa. No entanto, desejamos oferecer outra perspectiva interpretativa para “O País das Chimeras” em contraste com o anteriormente citado “O Anjo das Donzelas”, já que ambos trazem o subtítulo de *conto fantástico* e seus focos narrativos são em terceira pessoa.

Machado de Assis não necessitou do uso de pseudônimo (1) ou de um narrador judicioso (2) que viesse atestar a moralidade de “O País das Chimeras”, ainda que a publicação n’*O Futuro* tenha ocorrido dois anos antes da publicação de “O Anjo das Donzelas” no *Jornal das Famílias*. Os dois procedimentos parecem ter sido desnecessários a um periódico devotado a um público leitor masculino como era *O Futuro*, que durante todo o primeiro ano de existência só recebeu contribuições masculinas, e que, embora se dissesse literário, trazia a cada edição artigos políticos. Diferente do *Jornal das Famílias*, o periódico literário de Faustino Xavier de Novaes¹⁰ não era editado em Paris, sua impressão não era nítida, o papel não apresentava a mesma qualidade das edições de Garnier, seu formato não era portátil, e, sobretudo, não trazia gravuras e ilustrações de figurinos franceses. Tudo aquilo que atraía o público feminino não se achava no periódico do editor português, e até a literatura divulgada em suas páginas não se destinava exatamente às mulheres. No entanto, as dificuldades de manutenção da folha levou o futuro cunhado de Machado de Assis a se voltar, já na edição de 15 de novembro de 1862, para o público feminino e anunciar que nas próximas edições *O Futuro* traria figurinos de moda:

ÀS LEITORAS DO FUTURO.

Essa inocente estampa irá, pois desafiar as suas iras, se porventura alguns deles forem assinantes do *Futuro*, o que estimo, apesar de tudo: em tal caso compete a VV. EEx. a minha defesa, e eu faço-lhes justiça contando com o triunfo.

Foi para VV. EEx., exclusivamente, que eu mandei vir de Paris esse figurino, e, se vem um pouco tarde, deve-se esse contratempo à imprudencia de quem expôs essas quatro damas. (*O Futuro*, 15 de novembro de 1862, p. 157).

¹⁰ Faustino Xavier de Novaes era irmão de Carolina Xavier de Novaes que viria a ser esposa de Machado de Assis, a partir de 12 de novembro de 1869.

As iras às quais o editor se refere no excerto seriam as dos “homens sérios”, muitos assinantes d’*O Futuro*, leitores de literatura e política, que viam na moda a frivolidade desnecessária às paginas do jornal. A necessidade de angariar a simpatia do público feminino, com intuito de manter vivo seu empreendimento editorial, impôs ao editor português advogar duas causas simultâneas e divergentes: a dos “homens sérios” e a das mulheres ávidas por periódicos que trouxessem matérias consideradas próprias ao universo feminino. Tratava-se de encontrar uma fórmula que agradasse às mulheres de gosto sem desagradar os homens já assinantes.

“O País das Chimeras” foi o primeiro conto fantástico que Machado de Assis assinou com seu próprio nome, dispensando o pseudônimo. Uma liberdade que o escritor carioca nem sempre gozava na revista de Garnier. Se observarmos o Quadro 1, veremos que as produções machadianas divulgadas no *Jornal das Famílias* recebiam pseudônimo, enquanto suas versões publicadas por outros suportes recebiam o nome do autor. Aliás, das doze narrativas fantásticas produzidas para o jornal de Garnier, em apenas duas delas constava o nome do escritor: nos contos “O Capitão Mendonça” (1870) e “Sem Olhos” (1876-77). Mas havia a conveniência do uso de pseudônimo pelos escritores e “a mais óbvia talvez, diz respeito à necessidade de proteção, seja da autoridade, seja da reputação, ou até mesmo, no caso das mulheres, de algum pai ou marido ciumento” (BARBOSA, 2007, p. 33).

“O País das Chimeras. Conto fantástico” reapareceu divulgado pelo *Jornal das famílias* nos meses de abril e maio de 1866, sob o título de “Uma Excursão Milagrosa”. Das significativas transformações sofridas pelo conto, selecionamos quatro delas para fins analíticos (Quadro 2):

Quadro 2: Divulgação de uma “mesma narrativa” por diferentes suportes.

SUPORTE: <i>O Futuro</i>	SUPORTE: <i>Jornal das Famílias</i>
TÍTULO: “O País das Chimeras”	TÍTULO “Uma Excursão Milagrosa”
FOCO NARRATIVO: 3ª pessoa.	FOCO NARRATIVO: inicialmente em 1ª pessoa, passando depois para 3ª pessoa e retornado ao final para 1ª pessoa.
ASSINATURA: Machado de Assis	ASSINATURA: pseudônimo A.
SECÇÃO: Folhetim – espaço destinado aos textos literários	SECÇÃO: Viagens – espaço destinado à publicação de relatos das experiências de viagens.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

O enredo conta a fantástica excursão do poeta Tito pelo “País das Quimeras”, o que possivelmente facilitou sua acomodação na secção *Viagens* do *Jornal das Famílias* e a alteração de seu título com a inclusão do vocábulo “excursão” que, embora não apareça em nenhum momento na narrativa, quando publicado inicialmente n’*O Futuro*, se ajusta perfeitamente ao espaço que lhe foi destinado no periódico de Garnier. Há também a mudança do foco narrativo de 3ª pessoa para 1ª pessoa, que se harmoniza com os relatos de experiências pessoais de viagens constantemente publicados naquela secção. O conto é reestruturado passando a contar com um prólogo e um epílogo – este funcionando como moral da história – além de intervenções do narrador com nítido caráter pedagógico. As alterações promovidas por Machado de Assis nos levam a suspeitar de uma adaptação do conto no sentido de atender a uma demanda do editor francês para preencher um espaço momentaneamente carente em sua revista: as experiências que eram enviadas por seus leitores e assinantes e que já há algumas edições não eram publicadas.¹¹ O *Jornal das Famílias* contava com secções mais ou menos regulares (Mosaico, Economia Doméstica, Poesias, Modas, Medicina Popular, Quadrilhas...), no entanto, se percebe que, desde julho de 1865 até a publicação de “Uma Excursão Milagrosa”, em abril de 1866, a revista de Garnier já há oito meses não publicava a secção *Viagens*.

A viagem foi um dos temas que mais agradavam os leitores ou ouvintes de histórias durante o século XIX. Não por acaso, muitas obras a utilizaram como artifício para o desenvolvimento de seus enredos. Das aventuras de Odisseu (*Odisséia* de Homero, no século VIII a. C.) à quase desconhecida viagem do botânico dinamarquês Eugenius Warming, relatada em *A canção das palmeiras* (1865), para estabelecermos como limite o próprio período de publicação da narrativa machadiana, passando pelas *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, entre outras obras, “as pessoas apreciam muito ouvir o relato dos viajantes que vieram de longe e contam aventuras vividas em outros lugares” (ZILBERMAN, 2012, p. 154).

No entanto, o nome *Machado de Assis* não estava apto à secção *Viagens* do *Jornal das Famílias*, pois o escritor fora sempre um “viajante imóvel”, ausentando-se de sua cidade natal “em raras ocasiões: nos breves passeios que fez a Petrópolis e em duas temporadas em Nova Friburgo, estas por motivo de saúde [...] entre outubro de 1878 e março de 1879” (TRIGO,

¹¹ As *Correspondências de Machado de Assis* (2008) dão-nos exemplos de solicitações de amigos e conhecidos para que o autor os favorecesse junto ao editor francês, assim como relatam algumas solicitações pontuais de Garnier ao escritor carioca.

2001, p. 21-22). Essas ausências do Rio de Janeiro ocorridas só após a publicação da narrativa “Uma Excursão Milagrosa” favoreceram a substituição do nome do autor pelo lacônico pseudônimo A., que, aliás, não mantinha qualquer alusão ao autor carioca. Em um contexto no qual quase tudo se podia saber sobre os integrantes de uma seleta parcela da sociedade que podia desfrutar de uma viagem, o nome Machado de Assis não se qualificava para assinatura desse tipo de experiência na revista de Garnier.

O pseudônimo foi um artifício adotado pelos escritores como subterfúgio ou dissimulação. Um artilheiro que evitava reproches e salvaguardava os autores de temas polêmicos chancelados pelo gênero fantástico. Além disso, o uso do pseudônimo estava também relacionado à estratégia editorial de estimular curiosidade nos assinantes e não lhes causar enfado com excessivas histórias de um mesmo escritor, trazendo para os assinantes “novos” autores. Mas, Genette (2009) afirma que quanto mais um autor for conhecido do grande público, maior será a exibição de seu nome. Logo, pode-se diametralmente inferir que quanto mais o nome de Machado fosse exibido nas assinaturas dos contos mais célebre ele se tornaria como autor.

Assim, é compreensível que, apesar da proteção do pseudonimato, o escritor carioca, em início de carreira, desejasse ver seu nome impresso ao final de suas narrativas publicadas. Contudo, é possível compreender que, no caso dessas narrativas, o contexto de publicação e o perfil do suporte foram determinantes para que Machado de Assis pudesse inscrever seu nome como autor de “O País das Chimeras”, já que a narrativa foi publicada nas páginas de um periódico – *O Futuro* – de cunho político-literário e dedicado ao público masculino, enquanto a versão “Uma Excursão Milagrosa” necessitava ser divulgada por meio de um pseudônimo, em conformidade com as alterações promovidas no gênero, que lhes garantiram espaço na seção do *Jornal das Famílias*. E, como quase todas as seções da revista de Garnier, também as narrativas de *Viagens* eram devotadas ao público feminino.

Considerações finais

A cooperação de Machado de Assis nos jornais contribuiu consideravelmente para seu desenvolvimento como autor de contos fantásticos, mas as transformações promovidas pelo escritor em uma mesma narrativa para atender a diferentes suportes obrigam a reavaliação do fantástico machadiano, de acordo com critérios extratextuais, como *suporte* e *leitor*, reveladores do poder editorial de Garnier sobre sua produção literária. Logo, a abordagem das produções

machadianas destinadas ao *Jornal das Famílias* exige que se vá além das tradicionais categorias de análise imanentes e se considere as fórmulas às quais o Bruxo do Cosme Velho estava disposto a manipular na fatura de um gênero polêmico, mas em moda, para atender às exigências de seu editor e às expectativa de seus leitores.

Um artigo de poucas páginas inviabiliza, algumas vezes, demonstrar as várias adequações operadas pelo autor carioca nos substratos de suas narrativas, mas cremos que as demonstradas até aqui são indícios consistentes das estratégias do escritor para abrir caminho a publicação de suas produções fantásticas e inscrevê-las no espaço de circulação das narrativas dignas de acolhimento familiar e, portanto, publicáveis em periódicos de perfis femininos, como a revista de Garnier. Em *Agradar sem desagradar*, propusemos a reavaliar o fantástico machadiano, considerando como o poder editorial impunha ao escritor uma fantasia ajustada à filosofia do *Jornal das Famílias* e ao espaço físico de suas folhas.

Referências

- ASSIS, M. O jornal e o livro [parte I]. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 1, 10 jan. 1859.
- _____. *Correspondências de Machado de Assis, tomo I: 1860-1869*. Rio de Janeiro: ABL, v. 1, 2008.
- _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 2, 2008.
- AUGUSTI, V. Coleções de Romances Franceses na Rota do Atlântico. In: ABREU, M. *Romances em movimento: a circulação transatlântica do impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p. 61-91.
- BARBOSA, S. P. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- BROCA, B. Entre a política e as letras. In: ASSIS, M. *Machado de Assis e a política*. São Paulo: Pólis, 1983.
- CASTEX, P. G. *Le conte fantastique en France de Nodier à Maupassant*. Paris: Jose Corti, 1971.
- CÉZAR, A. C.; ANDREO, M. C. A Construção do Quimérico em “O país das quimeras (Conto Fantástico)” de Machado de Assis. In: *Letras*, Curitiba, v. 16, n. 19, p. 1-11, Jul./Dez. 2014.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.
- FACIOLI, V. *Um defunto estrambótico: análise e interpretação das Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Nankim Editorial, 2002.
- FRANK, R. Der verheimlichte Hoffmann. *Frankfurter Zeitung*, Frankfurt, 8 Julho 1924.
- GENETTE, G. O nome do autor. In: GENETTE, G. *Paratextos Editoriais*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2009, p. 39-54.

GLEDSON, J. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. O machete e o violoncelo: introdução a uma antologia dos contos de Machado de Assis. In: _____. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 35-69.

GOUVEIA, A. *Teoria da literatura: Fundamentos sobre a natureza da literatura e das categorias narrativas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

GUGITZ, G. Aderlaß in Posen. In: *Der Spiegel*, Hamburg, n. 42, p. 152-155, 13 out. 1965.

HANSEN, J. A. “O imortal” e a verossimilhança. In: *Teresa - Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 6-7, p. 56-78, 2006.

HOFFMANN, E. T. A. *Contos nocturnos*. Lisboa: Guimarães Editores, 2005.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994.

MAGALHÃES JUNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

MASSA, J. M. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*. São Paulo: UNESP, 2009.

MOLLIER, J. Y. O dinheiro e as letras, um comércio delicado. In: *Escritos - Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa*, Rio de Janeiro, n. 5, 2011.

PEREIRA, L. S. *O conto machadiano: uma experiência de vertigem: ficção e psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

PINHEIRO, A. S. *Para além da amenidade: O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*. Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas. 2007.

SALOMONI, S. D. Machado de Assis: uma excursão milagrosa. In: *Organon - Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, v. 15, n. 30-31, p. 149-157, 2001.

SIMÕES JUNIOR, Á. S. Prefácio. In: CRESTANI, J. L. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2009. p. 15-18.

TRIGO, L. *O viajante imóvel: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ZILBERMAN, R. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: Ibpex, 2012.

Jornais consultados:

Jornal das Famílias, Rio de Janeiro, set. 1864, p. 9.

Jornal das Famílias, Rio de Janeiro, fev. 1869. p. 2.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 1 abr. 1865, p. 2.

Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2 abr. 1865, p. 2.

O Futuro, Rio de Janeiro, 15 nov. 1862, p. 157.